

A sagração de Serra

Luís Costa Pinto

Da equipe do **Correio**

A partir das 12h de hoje, quando a Executiva Nacional do Partido da Social Democracia Brasileira encerrar uma reunião convocada para legitimar a candidatura única de José Serra à presidência da República, o cenário político nacional ganha um novo palco. É o Palácio do Planalto. Uma vez

oficializado candidato, disputando o direito de suceder ao presidente da República pelo próprio partido presidencial, o ministro da Saúde atrairá as críticas dos adversários contra o governo ao qual serve desde 1º de janeiro de 1995 — com um breve intervalo entre junho de 1996 e março de 1998, período em que amargou a derrota para a Prefeitura de São Paulo.

Os organizadores da festa tucana enviaram convites compulsórios aos governadores de esta-

do filiados à legenda para comparecessem à sagração de Serra. Geraldo Alckmin, de São Paulo, e Tasso Jereissati, do Ceará, foram os últimos a confirmar presença. Depois do candidato a presidente, serão os que darão maior brilho ao convés. Alckmin, porque precisa vencer em São Paulo para manter a bandeira tucana tremulando no centro do poder econômico nacional. Tasso, porque nas últimas 48 horas têm-se revelado um disciplinado soldado partidário depois da refrega

mantida com Serra. Os dois disputaram essa indicação do PSDB, hoje entregue com solenidade ao ministro da Saúde.

Meticuloso, Serra nunca tratou a disputa pela presidência como um sonho a ser realizado — e sim como um projeto a ser integralmente cumprido. Oscilando entre o quarto e o quinto lugares nas pesquisas de opinião, tem muito a fazer para deslanchar. Amanhã ele estará no Nordeste. Segunda-feira, no Rio e na Baixada Fluminense.